



Pornografia: para que ela não seduza seus filhos

DESAFIOS Diante da triste realidade de que mais de um terço da internet é composta de pornografia, como prevenir o acesso a esses conteúdos e orientar os filhos?

Queridos pais, talvez seja melhor puxar uma cadeira e sentar, pois os dados a seguir são realmente preocupantes. Depois desta leitura provavelmente vocês precisarão fazer um breve exame de consciência e refletir se estão prestando a devida atenção a seus filhos diante da realidade da pornografia na internet.

A empresa global de segurança *on-line* Optenet analisou mais de quatro milhões de endereços na web e concluiu que mais de um terço da internet é composta, basicamente, de pornografia.

Mas ainda tem mais. O Instituto britânico de Pesquisa para Po-

líticas Públicas (IPPR na sigla em inglês) entrevistou 500 adolescentes e os dados revelam o quanto o acesso a conteúdo indevido está mais próximo dos jovens do que imaginamos. Oito em cada dez entrevistados disseram que era muito fácil ver acidentalmente imagens explícitas ao navegar na internet e cerca de 72% afirmaram que a pornografia levou a visões pouco realistas sobre sexo. Com a popularização dos dispositivos móveis, 46% afirmaram que enviar fotografias e vídeos sexuais por celulares e *tablets* é “parte do cotidiano”. Para 66% das meninas entrevistadas, a vida seria mais fácil

se a pornografia não fosse de tão fácil acesso.

Educação sexual

Na mesma pesquisa, 56% dos adolescentes disseram que os adultos acham difícil compreender e até mesmo ajudá-los com relação à pornografia na internet.

Vamos mudar esse jogo? Como prevenir crianças e adolescentes de acessar conteúdo impróprio em uma era de *smartphones* e outros dispositivos móveis? Como lidar ao descobrir que o seu filho acessou pornografia?

Para a psicóloga Gina Strozzi, o primeiro passo para a prevenção é

a uma relação segura entre pais e filhos. “Muito importante termos claro que os filhos que sentem segurança nos pais, para conversar e tirar dúvidas, são os que menos necessitam recorrer a bancos de informações sobre sexualidade na internet. Filhos seguros e com sentimento de que os pais autorizam e acolhem suas queixas e dúvidas lidam bem com a liberdade que lhes é dada na internet”, diz. Ou seja, pais que dialogam com franqueza e confiança têm mais chances de abrir caminho para uma instrução mais segura e responsável sobre o assunto.

Além do diálogo, a prevenção também deve se pautar em atitudes de observação e de limites. “O ideal seria que a criança só tivesse acesso à internet ou à TV sob a supervisão de um adulto, não como controlador, mas como observador, para questionar, dar um juízo sobre os programas e poder ajudar as crianças a darem valores àquilo que assistem ou acessam. A utilização de filtros na internet pode ser muito útil também”, aconselhou a também psicóloga Tatiana Faria.

Na casa de Ana Lúcia Barbosa, mãe de quatro filhos, a experiência dos limites e da observação é uma realidade no relacionamento com eles. Uma das medidas tomadas por ela e pelo marido foi definir um *login* para cada filho no computador e usar o bloqueador de sites para cada um desses *logins*. Além disso, antes de terem os próprios celulares, as crianças também tinham horários de utilização. Após às 22h, só com a liberação dos pais.

Mas, como fazer com celulares e *tablets* nos bolsos dos adolescentes e sempre conectados à internet? Para Ana Lúcia, o importante mesmo é o contexto geral da relação familiar. “Não adianta bloquear a pornografia na internet se não a bloqueamos, por exemplo, na TV. Assim, procuramos

escolher os filmes que eles veem ou que vemos junto com eles. Quando estamos assistindo algum programa que tenha alguma cena imprópria pulamos a cena. Algumas vezes sugerimos ver outro programa mostrando o que não concordamos naquilo que está sendo apresentado”, relata.

Outro conselho importante é dado por quem já cuidou de seis filhos. Para Neusa Sebok, é preciso mostrar aos filhos o quanto celulares e computadores consomem tempo e energia preciosos que poderiam ser usados em atividades alternativas, como música, esportes e viagens. “Após terem experimentado essas diversões saudáveis, acabaram sempre escolhendo naturalmente as coisas que os satisfaziam de fato”, conta.

Esteja preparado

Caso aconteça de os filhos acessarem conteúdo inapropriado, mesmo com todas as prevenções, Tatiana Faria alerta que os pais precisam estar preparados e informados para a hora do diálogo. Primeiro, a psicóloga esclarece que é preciso os adultos compreenderem qual motivo levou a criança ou o adolescente a ter esse comportamento, sem ameaças ou punições. Depois, explicar as razões pelas quais não é adequado uma criança ter contato com esse tipo de conteúdo, já que essa experiência não contribui para o próprio desenvolvimento.

“São conversas que muitas vezes exigem dos pais uma boa preparação. Diante de tantas informações é necessário buscar fontes seguras e confiáveis para se informar. A partir de então, ficar mais atento e acompanhar de perto, retomando sempre que possível o assunto para que consigam verificar se estão se tornando efetivamente as referências morais para seus filhos”, completa.

E toda atenção é pouca. Gina Strozzi continua a nossa conversa explicando que a checagem de sites com conteúdo pornográfico pode passar de simples curiosidade a um comportamento compulsivo. “O cibervício ou o comportamento compulsivo pela e na internet é uma patologia que precisa ser cuidada. Ele pode desencadear depressão, síndrome do pânico e transtorno bipolar.”

As consequências podem ser graves em crianças e adolescentes. De acordo com a psicóloga, esses comportamentos podem gerar notas baixas na escola e sonolência nas crianças. Já nos adolescentes, é possível leva-los à timidez, a uma vida sem amigos e criar dificuldades de estabelecer uma relação afetiva, como o namoro, por exemplo. Strozzi alerta ainda para o impacto emocional que o acesso à pornografia pode causar. “As revistas masculinas e sites pornográficos inferiorizam as pessoas, ditam inverdades e massificam os indivíduos com condutas e performances improváveis na vida cotidiana”, explica.

Um estudo recente de cientistas da Universidade de Cambridge revelou semelhanças no lobo frontal cerebral de pessoas que consomem muita pornografia com o cérebro de dependentes químicos. Essa região é a responsável, nada mais nada menos, entre outras coisas, pela formação dos nossos julgamentos. É o que nos ajuda a decidir entre o certo e o errado, o bem e o mal, o seguro e o perigoso.

Então, pais, agora talvez seja a hora de levantar da cadeira informar-se e ficar bem atentos ao que os seus filhos estão acessando nos celulares, computadores e *tablets*. Afinal, como bem disse Neusa durante a conversa com *Cidade Nova*, “não há como atribuir essa responsabilidade a terceiros: nós, pais, temos a ‘faca e o queijo’ para educar nossos filhos”. ■